

CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PSICOLOGIA SOCIAL *

Maria Alice Vanzolini da Silva Leme**

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

RESUMO - Neste artigo é abordada a dificuldade histórica enfrentada pela psicologia social de encontrar um caminho para atingir seu objetivo: a integração indivíduo-sociedade. Tenta-se mostrar que este objetivo já fazia parte do plano global de Wundt para a psicologia que, por diversas razões, privilegiou o estudo do indivíduo em detrimento do social. Esta orientação geral, que influenciou o desenvolvimento da psicologia social, é responsável pelas críticas dirigidas à disciplina. A reação a este estado de coisas é representada pela psicologia social "sociológica", que recupera muito da proposta original de Wundt.

ABSTRACT - This paper addresses Social Psychology's historical difficulty to find a way to fulfill its main objective: the integration of individual and society. This objective is shown to have been part of Wundt's global project for psychology. The discipline, however, for more than one reason chose to give priority to the study of the individual in detriment of the social. This general orientation influenced the development of Social Psychology and hence the criticisms it has suffered. A reaction to this state of affairs is represented by a "sociological" Social Psychology that brings home much of Wundt's original project.

A tarefa da psicologia social, desde sua emergência no início deste século, tem sido reconhecida como sendo a de integrar indivíduo e sociedade. No entanto, a disciplina tem sido criticada, e não pouco, principalmente na década de setenta, quando se falava em crise de relevância, da pouca importância de seus achados para os problemas sociais importantes. Em um artigo datado de 1973, McGuire analisa as insatisfações presentes com o paradigma que até então guiava a pesquisa em psicologia social, ou seja, teste de hipóteses derivadas de teorias por meio de experimentos manipulacionais de laboratório. "O aspecto criativo de formular hipóteses relevantes para a teoria foi denunciado como uma atividade de mandarim, defasada de nosso tempo. Argumenta-se que as hipóteses devem ser formuladas por sua relevância para os problemas sociais e não por sua relevância para questões teóricas... Um ataque tão

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada na Mesa Redonda "Psicologia da Cultura e Psicologia Histórica: Novas Perspectivas". 5º Encontro Nacional de Psicólogos e Profissionais de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, setembro de 1989.

** Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, 05508, Butantã, São Paulo - SP.

forte e bem sucedido foi disparado contra o aspecto crítico, ou seja, a noção de que as hipóteses devam ser testadas via experimentos de laboratório... que estão plenos de artefatos... Questões éticas também têm sido levantadas contra os experimentos..." (p. 447). A proposta de McGuire envolveria uma mudança para um paradigma radicalmente diferente do até então adotado, tanto no lado criativo como no crítico. O problema básico para ele seria deixar de adotar um modelo de processo linear (a afeta b), que seria inadequado para captar toda a complexidade do sistema cognitivo do indivíduo e do sistema social que se quer conhecer.

Tais críticas dirigiam-se à psicologia social basicamente experimental designada por vários autores como psicologia social *psicológica*, dominante nos Estados Unidos e extremamente influente, dada a grande massa de sua produção. Além dos descontentamentos manifestados por pesquisadores de dentro do "sistema", como McGuire, não faltaram também críticas de pesquisadores ligados à psicologia social *sociológica*, européia, como Moscovici (1972), Tajfel (1981), Harré e Secord (1979), entre outros.

Passados alguns anos, a análise da crise não parecia esgotada como mostra o livro editado por Gilmour e Duck (1980), em que vários autores, tanto americanos como ingleses, avaliam o desenvolvimento da disciplina em termos de seu passado, presente e futuro.

Em seu artigo, Duck (1980) começa perguntando "qual é a crise?" e continua com a afirmação: "primeiro é preciso identificar e definir a crise, o que é surpreendentemente difícil de fazer, como acontece com tantos conceitos em psicologia social. Críticos diferentes assumem visões diferentes do que seja a crise... muitos atacam o mesmo alvo: a metodologia" (p. 213). Para o autor, tais críticas à metodologia seriam, em parte, manifestações de outros tipos de crise: de teoria, utilidade, isolamento intelectual, prática, identidade, etc. (p. 215). É o caso de indagarmos: por que, tendo-se colocado um objetivo tão claramente pertinente, o caminho para atingi-lo tem sido tão polêmico? Um aspecto que parece digno de atenção foi levantado por autores que tem se preocupado com abordar aspectos históricos da disciplina. O centenário da criação do laboratório de Wundt ensejou uma série de reavaliações de sua obra, que sugerem que, tanto a origem de um bom caminho a seguir como do descaminho - cuja rota McGuire e outros tentam redirecionar - pode ser traçada desde os inícios da psicologia como ciência. O bom caminho já estava no projeto global para a psicologia, pensado por Wundt, e que foi ignorado pelos psicólogos, que somente se entusiasmaram por suas pesquisas realizadas em laboratório, desconhecendo toda a sua produção relacionada à "Volkerpsychologie"¹ e suas implicações com relação à psicologia individual que desenvolvia. Farr (1983) considera que Boring tem certa culpa no cartório, na medida em que sua história da psicologia somente contabiliza os psicólogos que, tendo passado por Leipzig, foram fundar laboratórios nos Estados Unidos. Os dez volumes da V. P., escritos entre 1900 e 1920, só recentemente foram traduzidos

1. Danziger (1983) considera que não há uma tradução precisa para Volkerpsychologie. *Psicologia Cultural ou Etnopsicologia* seriam aproximadas, mas receberam objeções. Assim, considera preferível manter a palavra no original, usando a abreviação V. P. o que será seguido neste artigo.

para o inglês, o que dificultou a sua difusão; houve, além disso, a interrupção do fluxo de estudiosos para a Alemanha com a primeira guerra e preconceitos com relação ao tema, por uma suposta ligação com o nazismo. Todavia, se não tiveram repercussão na psicologia, há uma ponderável lista de pesquisadores em ciências sociais recuperada por Farr (1978), que sofreram o impacto das idéias de Wundt, ou por terem passado por Leipzig na qualidade de alunos ou visitantes, ou por terem lido sua obra: Malinowski, de Saussure, Boas, Thomas, Mead, Durkheim, Freud e outros.

Essa disseminação entre disciplinas separadas das idéias de Wundt não fazia parte de seu projeto para a psicologia. Como aponta Danziger (1983), desde o início de sua carreira como psicólogo experimental Wundt tinha noção da complementaridade necessária entre psicologia experimental e cultura, primeiramente porque a vida social humana não podia, pensava ele, ser trazida para o laboratório e, em segundo lugar, porque "a consciência individual nunca poderia abarcar toda a extensão e desenvolvimento envolvidos no processo moral... A investigação histórica e etnográfica teria que fornecer os materiais que a investigação da experiência individual não poderia fornecer" (Danziger, 1983). Vê-se, portanto, que a dualidade da influência de Wundt, de um lado sobre psicólogos e, de outro, sobre sociólogos, antropólogos e lingüistas, teve origem em uma questão de método, que aparentemente foi mais importante para os psicólogos que a questão do objeto de estudo. Estes preferiram, por diversas razões, entre as quais se aponta alcançar respeitabilidade científica, priorizar o método experimental, deixando para os cientistas sociais explorarem os caminhos da *psicologia cultural*, com suas preocupações com os fenômenos cognitivos complexos como linguagem, pensamento, mitos e costumes. Mas, como o mundo dá muitas voltas, algumas das sementes que Wundt plantou estão voltando a germinar na psicologia, tendo sido recuperadas do terreno da sociologia, das obras de Durkheim e Mead. Durkheim, após Leipzig, contribuiu para uma separação muito mais radical que aquela metodológica proposta por Wundt entre a psicologia de processos individuais e coletivos, dentro de uma mesma disciplina: defendeu que as "representações coletivas" da "Volkerpsychologie" seriam objeto da sociedade, enquanto que a psicologia deveria se contentar com as representações individuais. Coube a Moscovici, com seu trabalho sobre as representações sociais da psicanálise (1976), resgatar essa importante noção para a psicologia.

Quanto a G. H. Mead, é reconfortante verificar, nos livros e artigos mais atuais de psicologia, a importância crescente de sua obra, que se iniciou a partir da noção de gesto, proposta por Wundt, e que serviu de base para seu behaviorismo social (hoje conhecido como interacionismo simbólico). Nele o individual e o social estão relacionados, o que Wundt não conseguira, ou seja, a origem social da consciência individual.

Todavia, durante muito tempo, a influência de Mead só foi importante na sociologia, já que na psicologia o behaviorismo que deixou raízes não foi o seu, mas o de seu colega e amigo de Chicago - Watson - a partir do qual nossa disciplina se tornou positivista, individualista, parte da ciência natural.

Esta orientação geral da psicologia não deixou de influenciar a psicologia social. O social foi sofrendo um processo de encolhimento progressivo. Por exemplo, em

1920, nos experimentos sobre facilitação social, o social corresponde à mera presença do outro. Allport, em 1924, já defendia com ênfase que a psicologia social era parte da psicologia do indivíduo, atacando as idéias da época, acerca da mente grupai, como metafísicas, com o que concordam mesmo autores atuais de orientação diferente da sua, como Brown e Turner (1981), embora estes não concordem com o desdobramento destas idéias que levou ao abandono da noção de grupo, fazendo com que, por exemplo, fenômenos sociais como o preconceito fossem estudados segundo uma perspectiva intrapessoal ou interindividual.

Com a vinda, na segunda guerra, de psicólogos europeus para os Estados Unidos, toda esta orientação foi bastante criticada, especialmente por Asch, Sherif, Lewin, e tantos outros. Mas, aparentemente, sua influência não foi suficientemente forte para uma mudança de rumos. Steiner (1974) faz uma pergunta indicativa sobre o estado de coisas no título de seu artigo: "O que aconteceu com o grupo na psicologia social?"

Uma crítica igualmente séria e pouco levantada a esta tendência crescente de centrar os estudos, em nossa disciplina, no indivíduo, é a de caráter ideológico. A mais desenvolvida foi apresentada por Sampson (1981), embora outros, como Mugny (1982) também a tenham feito.

No artigo publicado no *American Psychologist* "A psicologia cognitiva como ideologia", reconhecendo que a abordagem cognitivista tornou-se o ponto de vista preponderante, tanto na psicologia social (psicológica), quanto na psicologia da personalidade e também do desenvolvimento, Sampson assenta suas baterias contra o individualismo e subjetivismo nela presentes: "a precedência dada ao indivíduo que conhece e aos determinantes subjetivos do comportamento, embora pareça revelar algo de fundamental e invariante sobre a mente humana, representa um conjunto de valores e interesses que reproduz a natureza existente da ordem social" (p. 730).

Esta tradição cognitiva, aponta Sampson, que tem suas raízes em Descartes e Kant, contém duas reduções: a subjetivista e a individualista (*Eu penso, logo existo*) A sua crítica a esta posição baseia-se na análise materialista da ideologia e não no empirismo, ou ainda no romantismo, que entende a ideologia como se referindo às idéias e pensamentos que as pessoas têm, incluindo formas e conteúdos da consciência. A análise materialista aponta algo mais na ideologia do que a tradição idealista, pois vai além do individualístico e baseia o pensamento e raciocínio nas práticas e atividades das coletividades humanas (algo muito semelhante às propostas de Wundt e Mead). Assim, em um primeiro sentido, a ideologia se refere a uma imagem distorcida ou falsa da realidade, uma imagem que beneficia os interesses de um grupo às expensas de outro - e está coordenado a uma falsa consciência. Em um segundo sentido, fala-se de algo como ideológico quando representa a consciência de um grupo, uma época, com precisão. Reflete um certo contexto sócio-histórico e neste sentido é, também, consciência verdadeira. Portanto, "as duas faces da ideologia sugerem que algo ideológico é verdadeiro e falso ao mesmo tempo: é verdadeiro se reflete a realidade e é falso porque há uma distorção... No mínimo existe falsidade quando um dado momento histórico, com suas práticas, estruturas, e a consciência que delas advém, é reificado e tratado como necessário, invariante, natural" (p. 731).

Esta qualidade dual da ideologia" (aponta ainda Sampson) "mostra um interação complexa entre sujeito e objeto que é perdida por uma redução subjetivista/individualista", ou seja, a abordagem não a capta. "A consciência e o pensamento refletem algo sobre a percepção do sujeito e também sobre o mundo objetivo no qual o sujeito trabalha e vive. Se ficamos só com o sujeito individual, participamos do mesmo tipo de distorção que ele(a) reflete; se ficamos só com o objeto, perdemos a contribuição da consciência ativa do sujeito" (p. 732). Este modo de localizar a ideologia permite mostrar que a redução individualista do "Eu penso" reduz o mundo aí fora aos processos de pensamento do indivíduo. Ora, o pensamento humano é produto de relações sociais históricas objetivas e não algo na cabeça do indivíduo. Sampson propõe que se substitua o "eu" pelo "nós pensamos", baseando-se exatamente em Mead, que enfatiza a emergência da mente individual a partir da sociedade e dos processos sociais. A análise de Sampson sobre as teorias, entre outras a da consciência, especialmente a da dissonância cognitiva, aponta as conseqüências ideológicas de se atribuir superioridade ao mental sobre o material. Tais perspectivas, em psicologia social, "sugerem que as pessoas são livres para se engajarem em atividades mentais - planejar, decidir, reconciliar, transformar conflitos, contradições em suas cabeças - e, todavia, permanecerem relativamente ou aparentemente desinteressadas em produzir mudanças no mundo social objetivo. A substituição da ação pelo pensamento, de transformações no mundo real por transformações no pensamento, pelos cognitivistas, coloca como que um véu sobre as bases objetivas e as fontes da vida social, e a potência individual fica reduzida a um mundo interno de ginásticas mentais" (p. 735). Negar a realidade traz como conseqüência servir a essa própria realidade negada. Pela teoria da dissonância cognitiva, já que não podemos voltar atrás ou mudar o que fizemos ou fomos induzidos a fazer, o único recurso é mudar nossas cognições para restabelecer a harmonia interna, face a uma realidade dissonante. A teoria nada diz sobre mudar essa realidade. A teoria reflete como a consciência de hoje funciona - "mas seu lado ideológico mostra que ela é potencialmente uma falsa consciência" (p. 736). Sampson termina reconhecendo que podem achar que ele só ofereceu críticas. Acredita, contudo, que mostrou caminhos: evitar os reducionismos e partir para uma psicologia crítica, consciente de seu contexto, valores e relação com a liberdade do homem.

Creio que a psicologia social *sociológica* apresenta uma abordagem congruente com o objetivo primeiro de integrar indivíduo e sociedade. A nível de metateoria propõe o interacionismo como substituto do individualismo imperante, na medida em que não admite a existência de um indivíduo puramente biológico, pré-social, mas afirma uma interdependência entre os processos psicológicos do indivíduo e suas relações, atividades e produtos como sociedade.

A nível teórico, creio que os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos pelo grupo que se reuniu em torno de Tajfel, contribuindo para a sua *Teoria da Identidade Social*, são particularmente férteis no estudo das uniformidades em larga escala do comportamento social, encarando tanto os conflitos, quanto a estabilidade social, como advindos das relações entre pessoas enquanto membros de grupos e não de processos intra ou interpessoais; relaciona os processos psicológicos a representações da es-

trutura social e sistemas ideológicos de crenças, supondo uma interação dinâmica entre processos psicológicos e contexto.

O indivíduo em seu aspecto societal está refletido no conceito-chave de identidade social, que decreve os aspectos cognitivos, afetivos e emocionais do auto-controle das pessoas, baseados nas afiliações grupais. O que as pessoas têm de único constitui a outra parte do auto-conceito, que é a identidade pessoal.

A obra de Moscovici e seus seguidores, tanto sobre representações sociais como influência de minorias ativas, parte também do mesmo pressuposto básico interacionista ou, como diriam Berger e Luckman (1978), de que o homem é construído por e constrói a realidade social em que vive.

Mugny e Doise (1979) são otimistas quanto ao futuro: consideram que, apesar de suas limitações, os achados da psicologia social individual e interindividual são inegavelmente importantes. A tarefa precisaria ser completada por novos níveis de análise - o intergrupar e o ideológico - das representações.

Um aspecto comum a todos estes pesquisadores é que sua crítica não é em absoluto metodológica: todos eles são adeptos de experimentos de laboratório e é neles (mas não só) que se tem baseado o desenvolvimento de suas teorias. Infelizmente, não são muitos os trabalhos que têm se dedicado a aplicar os modelos a situações de vida real. É o que estamos tentando fazer com nossos orientandos, mas isto é uma outra história.

REFERÊNCIAS

- Allport, F. (1924). *Social psychology*. New York: Houghton Mifflin.
- Berger, P. L & Luckman (1978). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Brown, R. J. & Turner, J. C (1981). Interpersonal and intergroup behavior. Em J. C Turner & H. Giles (Orgs.). *Intergroup behavior*. Chicago: Chicago University Press.
- Danziger, K. (1983). Origins and basic principles of Wundt's Volkerpsychologie. *British Journal of Social Psychology*, 22, 303-313.
- Duck, S. (1980). Taking the past to heart. Em R. Gilmour & S. W. Duck (Orgs.). *The development of social psychology*. London: Academic Press.
- Farr, R. M. (1978). On the varieties of social psychology: An essay on the relationships between psychology and other social sciences. *Social Science Information*, 17(4/5), 503-525.
- Farr, R. M. (1983). Wilhelm Wundt (1832-1920) and the origins of psychology as an experimental and social science. *British Journal of Social Psychology*, 22, 289-381.
- Gilmour, R., & Duck, S. W. (1980). *The development of social psychology*. London: Academic Press.
- Harré, R. & Secord, P. F. (1979). *The explanation of social behaviour*. Oxford: Basil Blackwell.

- McGuire, W. J. (1973). The Yin and Yang of progress in social psychology. *Journal of Personality and Social Psychology*, 26, 446-456.
- Moscovici, S. (1972). Society and theory in social psychology. Em J. Israel & H. Tajfel (Orgs.). *The context of social psychology. A critical assessment*. London: Academic Press.
- Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse son image et son publique*. Press Universitaires de France.
- Mugny, G. & Doise, W. (1979). Niveaux d'analyse dans l'étude experimental des processus d'influence sociale. *Information sur les sciences sociales*, 18(6), 819-876.
- Mugny, G. (1982). *The power of minorities*. London: Academic Press.
- Sampson, E. E. (1981). Cognitive psychology as ideology. *American Psychologist*, 36(7), 730-743.
- Steiner, I. D. (1974). Whatever happened to the group in social psychology? *Journal of Experimental Social Psychology*, 10, 94-108.
- Tajfel, H. (1981). Experiments in a vacuum. Em H. Tajfel (Orgs.). *Human groups and social categories*. Cambridge: University Press.

Artigo recebido em 20/11/89.

